**19º Encontro Conversando sobre Extensão (CONEX) e 4º EAEX - Encontro Anual de Extensão (EAEX)**

Resumo Expandido Modalidade A: "Apresentação de programas, projetos, ações, atividades e pesquisas advindas da extensão universitária"

**ÁREA TEMÁTICA:** (marque a área temática correspondente ao trabalho que foi indicado no momento da inscrição)

**( x ) COMUNICAÇÃO**

**( ) CULTURA**

**( ) DIREITOS HUMANOS E JUSTIÇA**

**( ) EDUCAÇÃO**

**( ) MEIO AMBIENTE**

**( ) SAÚDE**

**( ) TECNOLOGIA E PRODUÇÃO**

**( ) TRABALHO**

# A relação entre mídia e povos indígenas: uma oficina sobre a construção do racismo histórico e midiático

**Teodoro Anjos**[1]

**Letícia Fraga**[2]

**Resumo:** Este trabalho relata uma atividade de extensão que diz respeito à proposta e à execução de uma oficina para identificar o racismo que indígenas sofrem dentro da mídia como um todo. Na oficina também discutimos formas de enfrentar esse racismo, e principalmente conscientizar futuros jornalistas sobre essa questão. A oficina surgiu através de uma pesquisa desenvolvida sobre a temática indígena com o racismo sofrido pelos povos originários, na mídia hegemônica. Ela aconteceu em dois momentos: primeiro em um encontro online teórico, e em um segundo momento uma abordagem mais prática, em exercícios de conscientização e treinagem de escrita para os estudantes, em que estes tentaram modificar trechos de notícias com a temática indígena que tinham problemas, principalmente em termologias, e formas de escrita.

**Palavras-chave:** Racismo contra indígenas. Jornalismo. Mídia hegemônica.

## NOME DO PROGRAMA OU PROJETO

Saberes outros: Estudos e ações indígenas 2ª edição.

[1] Membro de execução de projeto de extensão; UEPG; Jornalismo; *17225667@uepg.br*.

[2] Coordenadora de projeto de extensão; UEPG; DEEL; *leticiafraga@gmail.com*.

## PÚBLICO-ALVO

Estudantes do curso de jornalismo da UEPG e de outras instituições; estudantes de outros cursos; Professores indígenas e não indígenas, em formação inicial ou continuada das escolas participantes.

## MUNICÍPIOS ATINGIDOS

Município de Ponta Grossa e outros municípios em que haja terras indígenas (Mangueirinha, Cândido de Abreu, Ortigueira etc.).

## LOCAL DE EXECUÇÃO

O projeto foi executado remotamente devido à pandemia do covid-19.

## JUSTIFICATIVA

Esse projeto se justifica pelo fato de que, ainda atualmente, a versão "oficial" da história do Brasil e da América Latina, que prevalece em livros didáticos, é contada a partir do ponto de vista do colonizador. Diferentemente da ideologia que se tentou implantar no México, de que todos são mestiços, "no Brasil, a política de genocídio dos povos indígenas, aliada à política de branqueamento da população afrodescendente gerou uma outra narrativa nacional, na tentativa de se forjar a imagem de um país que se queria (ou que alguém queria) "todo branco e católico", ideologia essa até hoje muito presente e no imaginário" (GOMES, 2012, p. 10). Dessa forma, a presença indígena na história do nosso país é relegada à época do descobrimento e invisibilizada nos dias atuais, o que inclui a invisibilidade da cultura indígena, concebida como "outra cultura", que mesmo sendo considerada outra, quando conhecida, "revela muito sobre a 'nossa cultura'", as quais estão em constante interação, razão pela qual, segundo "Raimon Panikkar [...] seria o único modo de conhecer as culturas [realizando] um diálogo intercultural" (apud GOMES, 2012, p. 12, grifos da autora).

Em termos de políticas linguístico-educacionais, as voltadas às comunidades de línguas/culturas minoritárias alternaram "momentos de indiferença e de imposição severa de medidas prescritivas e proscritivas" (CAVALCANTI, 1999, p. 4). No século XVIII, por exemplo, o Marquês de Pombal, através do Diretório dos Índios (1758), estabeleceu que a

única língua que podia ser falada era o português. Na sequência, o processo de imposição da língua portuguesa como única foi ratificado pela chamada política de nacionalização do ensino, implementada a partir de 1938, pelo governo do Estado Novo, de Getúlio Vargas, que fechou escolas e proibiu o uso de línguas indígenas bem como das línguas de imigrantes, principalmente alemão e italiano.

Como resultado desses processos, a língua portuguesa e a cultura eurocêntrica substituíram as outras línguas que eram faladas e culturas presentes no país por força de lei e também "de mecanismos sociais que ganharam força com a evolução dos meios de comunicação de massa, o processo acentuado de urbanização e, consequentemente, a penetração maior do português através de elementos exógenos" (CAVALCANTI, 1999, p. 6). Desse modo, justificamos este projeto considerando a importância de, a partir da realização de um levantamento do que se tem feito (que ainda é desconhecido) em termos de políticas linguístico-educacionais, no que diz respeito a pedagogias "outras", que tratam de línguas e culturas minoritárias aqui presentes a partir de um referencial teórico que se sustenta nos trabalhos de intelectuais indígenas, como Inácio (2010) e Benites (2012), sendo que a primeira trata da pedagogia Kaingang e o segundo, da pedagogia Guarani.

## OBJETIVOS

- Entender o contexto em que o racismo contra indígenas está localizado

- Identificar o racismo praticado dentro de veículos da mídia hegemônica

- Pensar formas de combater o racismo contra indígenas nas grandes mídias

## METODOLOGIA

Esta atividade de extensão advém de um projeto de pesquisa sobre racismo contra povos indígenas na mídia, em que realizamos leituras sobre o racismo para entender como este se manifesta e como podemos identificá-lo. Em seguida lemos textos sobre o racismo sofrido por indígenas, para entender as especificidades da questão, com o contexto histórico que toda a história nos dá sobre o sofrimento sofrido pelo povo indígena desde a invasão dos povos europeus.

Este estudo teórico nos deu amparo para a elaboração de uma oficina destinada a estudantes de jornalismo sobre como a mídia aborda os povos originários. A oficina foi realizada em parceria com a Licenciada em Letras Eliana de Souza, do povo Tremembé de Almofala (CE). Na oficina abordamos várias questões, como o processo de apagamento dos povos, tanto pelo processo de embranquecimento do povo indígena, quanto pelo processo de doutrinação católica, massacres etc.

Tivemos dois momentos: no primeiro encontro online realizamos uma abordagem mais teórica, trazendo autores que debatem o tema, e no segundo momento fizemos uma análise de notícias produzidas pela mídia hegemônica sobre a temática indígena. Encontramos problemáticas nos textos, e utilizando como base os textos e as reflexões dos presentes, tentamos resolver problemas nas reportagens, principalmente problemas de termologias, e formas de escritas.

## RESULTADOS

A conclusão que chegamos é que muito do que é passado na mídia hegemônica atualmente são construções da realidade feita por pessoas que não sofrem racismo, e pessoas que não estão muito preocupadas com a denúncia que as pessoas que sofrem racismo têm para fazer. Com base nisso, percebemos que a solução que minorias têm para serem ouvidas é criar os próprios veículos de comunicação independentes.

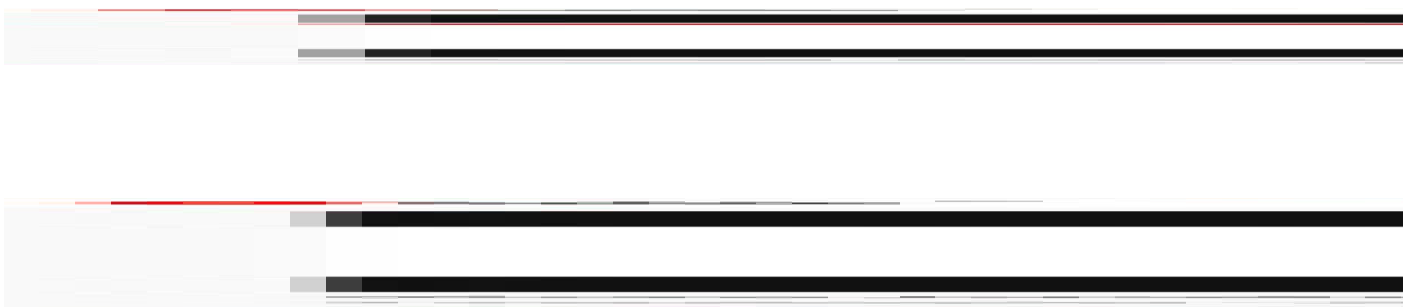
O jornalismo é algo que possui uma predominância gigantesca de pessoas brancas e, além disso, a maioria das fontes chamadas para as entrevistas não fazem parte das minorias. Indígenas, pretos, a comunidade LGBTQI+ são apenas chamados para pautas que são sobre essas temáticas de minorias. Quando se trata de um tema mais "cotidiano", a preocupação pela pluralidade de fontes acaba sendo deixada de lado, e minorias acabam perdendo espaço.

Figura 1 – Primeiro encontro da oficina




Fonte: Os autores

Figura 2 – Segundo encontro da oficina



Fonte: os autores

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A conclusão que chegamos é que as pessoas que estão se formando em jornalismo, ou já são formadas, precisam criar essa sensibilidade antirracista e anti preconceituosa para que as coisas evoluam de forma que todos sejam ouvidos, e tenham suas demandas atendidas. Claro que isso deve ser feito com responsabilidade, e sempre tendo em mente que todas as pessoas devem ser tratadas com respeito, não apenas na hora de contatar a fonte, mas na forma de colocá-la no texto, razão pela qual propusemos a oficina, para levar aos participantes parte da bibliografia que lemos para expandir a mente dos graduandos sobre o tema.

## APOIO

Agradecemos à Fundação Araucária pela bolsa de iniciação científica concedida.

## REFERÊNCIAS

BENITES, T. **A escola na ótica dos Ava Kaiowá impactos e interpretações indígenas**. 1. ed. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2012. v. 500. 120p.

CAVALCANTI, Marilda C. Studies on bilingual education and schooling in Brazilian contexts of linguistic minorities. **DELTA**, São Paulo, v. 15, n. spe, 1999. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501999000300015&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 20 Mar 2007.

GOMES, Ana Maria Rabelo. Prólogo. In: PALADINO, Mariana; CZARNY, Gabriela.Povos indígenas e escolarização: Discussões para se repensar novas epistemes nas sociedades latino-americanas. Rio de janeiro: Garamond, 2012.